

3 1761 06184651 5

PQ

9261

C3Z926

1917

c.1

ROBARTS



A NOVA DE LITRA
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 36 99 51
LISBOA





VISCONDE DE VILLA-MOURA

As Cinzas de Camillo

«Da região escura vem bater-me
na frente uma aragem fria...»

CAMILLO.

EDIÇÃO DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»





Arthur Carneiro de Freitas
18. Março de 1918

O PRODUCTO LIQUIDO DESTE OPUSCULO DESTI-
NAR-SE-HÁ A ABRIR A SUBSCRIPÇÃO PUBLICA PARA
UM MONUMENTO A CAMILLO NO PANTHEON.

Direitos reservados

AS CINZAS DE CAMILLO

DO AUTOR

A Moral na Religião e na Arte, 1906.
A Vida Mental Portugueza, 1909.
Vida Litteraria e Politica, 1911.
Camillo Inédito, 1913 (1.º milhar esgotado).

CONTOS E NOVELLAS :

Nova Sapho, 1912 (1.ª edição esgotada).
Doentes da Belleza, 1913.
Os Bohemios, 1914.

Antonio Nobre (1.ª edição esgotada) 1915.
Grandes de Portugal (com Antonio Carneiro), 1916.
Fialho d'Almeida, 1917.
Fanny Owen e Camillo, 1917.
As Cinzas de Camillo, 1917.

VISCONDE DE VILLA-MOURA

As Cinzas de Camillo

(NOTAS E DOCUMENTOS)



EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

A

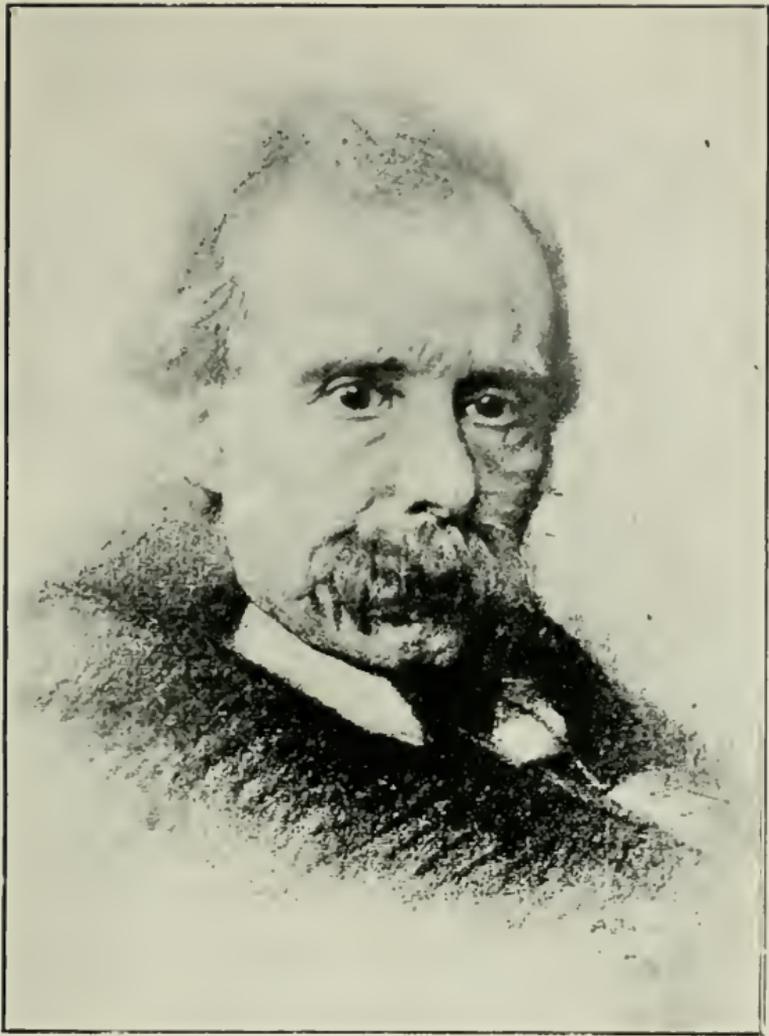
NUNO PLACIDO CASTELLO BRANCO



LIBRARY

AUG 22 2000

UNIVERSITY OF TORONTO



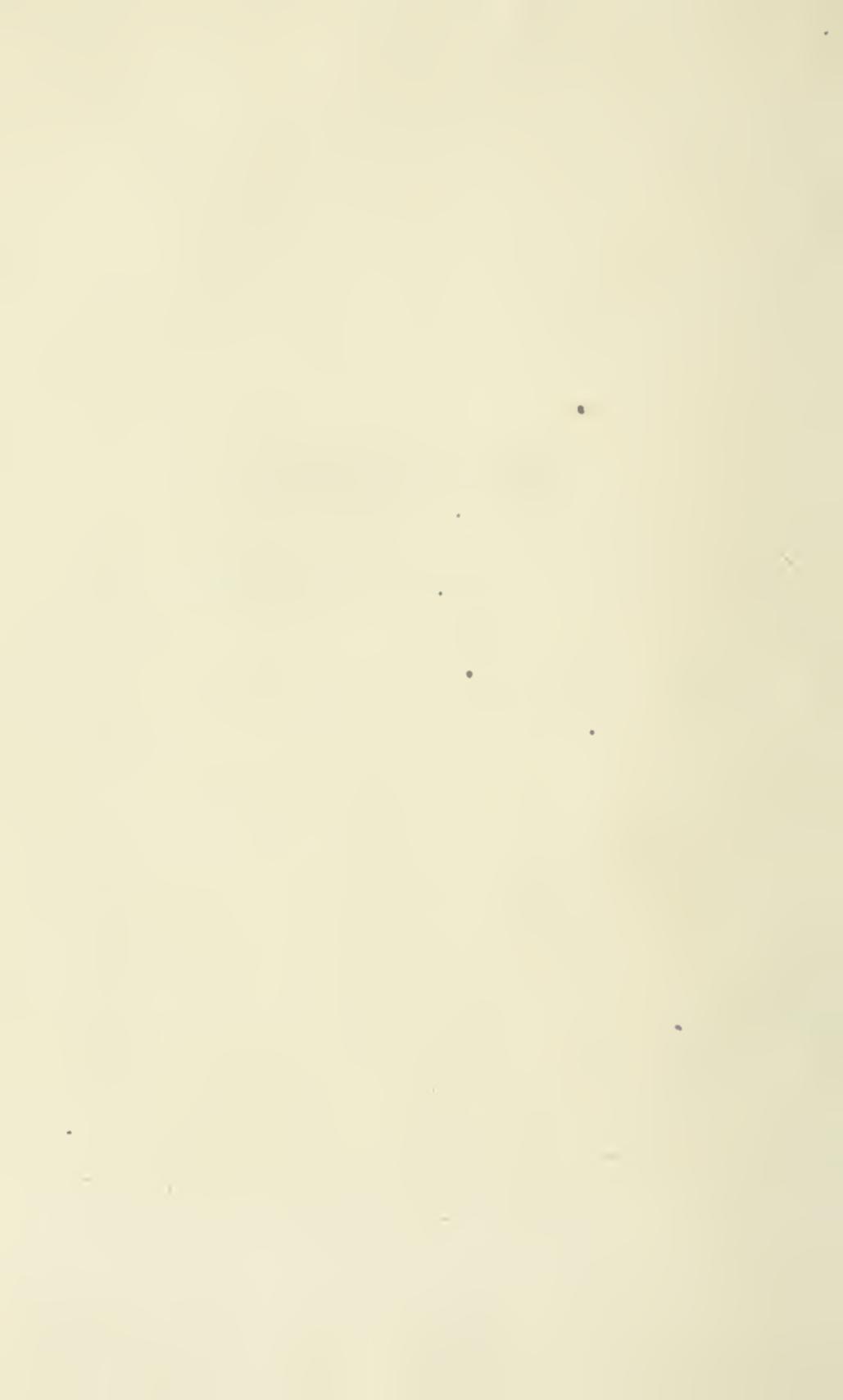
CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Desenho de Antônio Carneiro).

AS CINZAS DE CAMILLO.

«Da região escura vem bater-me
na frente uma aragem fria. . . »

CAMILLO CASTELLO BRANCO.
—*No Bom Jesus do Monte.*



PORQUE de novo volta a publico a idéa da trasladação de Camillo para o Pantheon, tambem de novo entendemos dever voltar ao assumpto, menos por discutir as razões daquelles que, contra a sua derradeira vontade, teimam em violar-lhe o jazigo, do que por esclarecer o que a tal respeito deixou escripto.

Mas recordemos os factos. Elles são, de si, tão claros que quasi nos dispensam glossario.

Camillo suicidou-se em 1 de junho de 1890, pelas trez horas e um quarto da tarde. No dia seguinte foi

o caso conhecido do publico pelos jornaes, bem como o destino que devia ter o seu cadaver.

Diz o *Correio da Manhã*, de 4 de junho :

PORTO, 2 — «O grande escriptor disparou um tiro na cabeça ás 3 horas e um quarto da tarde. Caiu logo em estado comatoso, e ás 5 horas succumbiu. O medico Ferreira, de Santo Thirso, afirma que a bala fôra quasi até á extremidade do lado opposto.»

E em nota solta :

«Camillo pedira em tempo a Freitas Fortuna para ser enterrado no jazigo delle, chegando até a entregar-lhe um documento redigido neste sentido.» (1)

(1) Vid. «*O Romance do Romancista*» por Alberto Pimentel.

De facto, no comboio do Minho das 6 horas da tarde do dia 3, chegava ao Porto o cadaver do Romancista, acompanhado por Freitas Fortuna, desde Famalicão, esperando-o na gare, «quando muito cem pessoas», informa o *Correio da Manhã*, e entre ellas Alves Mendes, Sebastião Leite de Vasconcellos e o editor Costa Santos. De resto, o ataúde seguiu para a Lapa, mal coberto por cinco coroas de flores artificiaes. e sempre acompanhado por Freitas Fortuna, por Espinho, pelo creado Manuel, mais a cauda de dezoito carruagens arrastando a praga dos reporteres.

Alem de Alves Mendes, não comparecera mais um unico escriptor ou artista, informa ainda o mesmo jornal!

É que metterá medo o baque da sua queda, senão o gesso que de si restava e a que a alludida folha se refere da maneira seguinte:

A CAMARA ARDENTE—O MORTO.

«A vasta sala, despida de sanefas e de espelhos, com o cadaver sobre um panno, ao meio, tinha uma solemnidade lugubre que a assemelhava a 'um templo vasio: o choro da esposa e o crepitar das luzes eram os unicos sons que interrompiam a funebre quietação do aposento.

No seu fato escuro — *pardessus* usado, *frak* e calça preta da mesma fazenda, costume que vestia quando se suicidou — tons roxeados a cercar-lhe as narinas e os olhos, o seu perfil macerado, fortemente vincado de rugas, o farto bigode cahindo-lhe lasso, na bocca esse extranho *rictus* que parece dar ao cadaver um riso de mofa,—o su-

premo escarneo da morte á vida. Lá estava elle sereno como um adormecido, os pés salientes, a cabelleira negra e comprida, as mãos finas cruzadas sobre o peito, o morto, mal illuminado pelo clarão de duas velas, parecia seguir com os olhos mal cerrados a dôr da viscondessa que aos pés do seu ultimo leito, abysmada na oração, velava sósinha.» (1)

Entretanto, Freitas Fortuna, longe de enjeitar o legado dos seus restos, logo fez valer junto da familia de Camillo as declarações em seu poder, e sobre as quaes tambem, immediatamente, todos os interessados concordaram, soccorrendo-as com dois novos documentos, ou terha sido com o *auto da sua doação*, assig-

(1) Vid. ob. cit.

nado por D. Anna Augusta Placido e Visconde de S. Miguel de Seide; e com a declaração do legatario, acceitando aquelle deposito no seu jazigo da Lapa, com o encargo de ahi o conservar perpetuamente.

Mas reproduzamos, na integra, e, por sua ordem, os preciosos documentos.

A primeira carta de Camillo sobre o assumpto:

«Ex.^{mo} Freitas Fortuna,
meu querido amigo.

Revalido, por esta carta, o que lhe propuz com referencia ao meu cadaver e ao seu jazigo no cemiterio da Lapa.



D. ANNA AUGUSTO PLACIDO

AS CINZAS DE CAMILLO.

Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capella.

É natural que ninguem lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porem, que seja ainda uma fatalidade posthuma que se compraza em impor a violencia até aos meus restos.

Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma clausula testamentaria, e, sendo preciso, faça que ella valha em juizo.

Abraça-o com extremado affecto e inexprimivel gratidão o seu

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Porto, 6 de abril de 1888.

Esta carta foi pela primeira vez patente ao publico no jornal *O Se-*

culo, em 4 de julho de 1914, onde nós a publicamos para evitar que fosse por diante a trasladação dos restos do Escriptor para Belem, que um grupo de parlamentares, a que presidia o illustre professor sr. Carvalho Mourão, devotadissimo admirador de Camillo—tencionava, ainda contra a má vontade de uma parte da Camara, que, diga-se de passagem, vergonhosamente, e sem conhecimento deste e demais documentos, logo se deu a objectar *innocentes* escusas, á conta duma tal jornada.

Muito antes, e incidentemente, nos veio á mão aquelle documento, quando tambem nós—(que, ao tempo não tinhamos sequer presente a segunda carta de Camillo a Freitas

Fortuna, sobre o assumpto, aliás desde muito publicada—) (1) nos propunhamos insistir e collaborar com todos aquelles que, seriamente, e bem de alma, se dessem a promover ou dispor a trasladação, que já'então, valha a verdade, consideravamos menos como homenagem necessaria á sua memoria, do que como solução de direito, que não de obsequio, ao repouso definitivo das suas cinzas.

Aprestara-se-nos o ensejo de ver realisadas as nossas esperanças, de par das dos maiores admiradores de Camillo — Silva Pinto, Senna Freitas e Ricardo Jorge, no melhor numero—quando, a proposito da deliberação da Camara do Porto

(1) Obr. cit.

e « Renascença Portuguesa » que, por si, e independentemente da discussão tragico-burlesca dos parlamentos, se propunham levar a cabo uma tal idéa, — nós fomos solicitado a ouvir dos representantes de Camillo a sua opinião a tal respeito, isto é, a consulta-los sobre se auctorizariam ou não o levantamento dos restos do Escriptor do seu jazigo na Lapa.

É claro, que interfeiri no caso particularmente, e só por acquiescer ás solicitações dum illustre membro da Camara do Porto, tambem, ao tempo, do corpo dirigente da « Renascença Portuguesa », sociedade litteraria com séde na mesma cidade (1), e que para aquelle effeito se

(1) O distincto poeta snr. Jaime Cortesão.

me dirigiu, bem por certo por mera razão da minha idoneidade como incondicional admirador do Romanista, mais pelo conhecimento que porventura tivera das minhas opiniões a tal respeito, desde muito, expressas.

Ora foi a tal proposito que, conjuntamente com a resposta de Nuno Placido Castello Branco, eu recebi a copia daquella carta, pelo punho do Visconde de S. Miguel de Seide, com a ordem de a publicar opportunamente, e como instrucção do juizo que porventura seguissemos, no caso da consulta que, por sua vez, elle devolveia para que sobre ella as Corporações interessadas resolvessem.

É claro que, á face de tão obri-

gante documento, a sua opinião parece ter sido uma: — nunca mais aquellas corporações pensaram na trasladação. E dahi tambem o silencio, feito á volta do caso, até ao momento em que alguns deputados, aliás no melhor empenho, — o mesmo que a Camara do Porto e a «Renascença Portugueza» tinham tido — deliberaram voltar ao assumpto.

Foi então, repetimos, que, pela primeira vez, entendemos de nosso dever publicar aquella carta, como elucidação aos promotores da inoportuna homenagem, e tão cabida ella foi que logo, avisadamente, aquelles desistiram do seu intento, transferindo as importancias destinadas á sua despeza para o levantamento

de um monumento, infelizmente já bem tardio, a Camillo.

Entretanto, pois que, desde que se tornou inoportuna, por não dizer impertinente, a trasladação, parece ter crescido o numero dos devotos de tal idéa—vamos nós, hoje, que estamos de posse de todos os documentos, ver o que, á face delles, aquella vale.

Mas antes, e por melhor firmar opinião, sigamos no traslado dos documentos que ao assumpto se referem. Tornar-se-á mais facil de ver depois, e a melhor luz, até onde vae a teimosia dos sectarios duma idéa hoje indelicada, (e que maior crime pode cometter-se para com os mortos do que o da indelicadeza?—) que não

sectarios da melindrosa memória do Escriptor.

Eis a segunda carta de Camillo a Freitas Fortuna:

«Meu presado Freitas Fortuna.

Começo a experimentar uma especie de affecto posthumo ao meu cadaver.

Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabedal fiz da minha saude, que já agora me quer parecer, que este amor ao que nada vale é retribuição devida a esta materia, que me ha-de sobreviver alguns annos aviventada pela engrenagem de putrefacção.

Deste affecto extraordinario, mas não excepcional, resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer falando, quer escrevendo, que aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa.

É bem certo que, para além da campa,

ha o que quer que seja que ainda nos prende ás coisas mortaes. Sei que no seu jazigo dormem o somno infinito seus extremos progenitores.

Ambos conheci na flor da vida, no esplendor da honra, nas luctas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade.

Ambos morreram no vigor dos annos, se podem considerar-se mortas *duas imagens sagradas* que renascem na alma dum filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lagrimas represadas, e que os annos ainda não poderam crystallizar em glacial indifferença.

Volvido um longo praso as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas tambem de seus *paes* estremecidos.

Se a morte tivesse expressão que não fosse aquelle mudo terror de um gesto que ao mesmo tempo anniquilla e grava o eterno estigma do silencio nos labios gelidos, só ella poderia dar-nos a sombra horrida e que o seu esquife baixar á perpetua união

com os cinerarios de seus *paes*. E eu, a essa hora, estarei á beira delles como testemunha silenciosa das compungidas lagrimas que lhe vi na face quando o coração lhas dava repassadas duma santa saudade.

Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina ha anno e meio de ser enterrado no seu jazigo.

O meu querido Freitas Fortuna accceitou com ternura a offerta do meu cadaver, e d'essa arte, permittindo que eu fizesse parte da sua familia extincta, quiz continuar alem da vida a tarefa sacratissima da sua dedicação incomparavel. Bem haja, e adeus.

Bemfica, 15 de julho de 1889. »

Seu do coração,

CAMILLO CASTELLO BRANCO. (1)

(1) «O Romance do Romancista » por Alberto Pimentel.

Esta carta foi a primeira que sobre o assumpto veio a publico, tendo sido impressa no *Jornal da Manhã*, de 3 de junho de 1890, ou tenha sido na vespera do dia da entrada do cadaver de Camillo no mausoléo-Fortuna.

Comprehende-se que, a despeito do seu texto, os admiradores do Romancista pretendessem ainda o seu ingresso no Pantheon, porquanto não é aquella bem frisante e incondicional, como a primeira a que se refere, e que, durante tantos annos, foi geralmente ignorada.

Entretanto, que de ambas as cartas os interessados mais proximos, (referimo-nos á Familia-Fortuna e á de Camillo) tinham pleno conhecimento, prova-o não só a circumstan-

cia de immediatamente fazerem seguir para o cemiterio da Lapa o cadaver do Romancista, mas, ainda mais, o facto de quasi logo as duas partes interessadas se mutuarem as mais claras obrigações não só para garantirem, como por tornarem effectivo, perpetuamente, aquelle deposito.

É do teôr seguinte o auto de doação do cadaver de Camillo:

«Os abaixo assignados, D. Anna Augusta Placido (Viscondessa de Correia Botelho) viuva, e Nuno Castello Branco (Visconde de S. Miguel de Seide) vimos na qualidade de esposa e filho do falecido sr. Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho), ambos residentes na freguesia de S. Miguel de Seide, do concelho de Villa Nova de Famalicão, no districto de

Braga, querendo cumprir as determinações de seu amado esposo e pai, que manifestou a expressa vontade de ser sepultado no cemiterio da Real Irmandade de N. Senhora da Lapa (na cidade do Porto), no jazigo da familia do seu dedicado amigo João Antonio de Freitas Fortuna, a quem por escripto estipulou, «que nenhuma força ou consideração o demova de conservar-lhe as cinzas, perpetuamente na sua capella» —; os abaixo assignados revalidam por este acto a entrega e doação que fizeram do cadaver do seu querido esposo e pae ao referido João Antonio de Freitas Fortuna, residente na rua de Cedofeita n.º 986, da cidade do Porto, que o recebeu e acceitou com o encargo de o conservar perpetuamente na sepultura numero um do referido jazigo de sua familia, onde está, e onde deve estar *ad perpetuam*. E por isto conferem ao indicado João Antonio de Freitas Fortuna, e aos seus representantes, que atravez dos tempos possam vir, e forem os legitimos pos-

suidores da referida capella, todos os poderes em direito necesarios, sem exclusão alguma, e com a faculdade de substabelecerem, para que nunca, e sob qualquer pretexto que seja, possa ser retirado da indicada sepultura perpetua em que jaz o cadaver do sr. Camillo Castello Branco, porque tal foi a sua expressa vontade dele, assim como é a dos abaixo assignados, que a fazem boa e querem que seja sempre cumprida como disposição testamentaria para o que por este titulo de doação onerosa desistem de todos os seus direitos ao referido cadaver e outorgam sem reserva alguma a João Antonio de Freitas Fortuna e a seus legitimos representantes na posse do referido jazigo, a fim de que possam cumprir as condições estipuladas aqui, e para realizarem todos os actos indispensaveis ao integral cumprimento da expressa vontade de seu amado esposo e pae, que respeitam e cumprem, como querem que os seus successores ou futuros representantes a cum-

pram e respeitem. E por esta ser verdade, passam este acto de doação, que eu, Nuno Castello Branco, escrevo e que assignam com as testemunhas Francisco Correia de Carvalho, casado, proprietario da freguezia de S. Paio de Seide e Antonio Vaz Vieira de Napoles, solteiro da cidade de Guimarães. S. Miguel de Seide, 10 de Junho de 1890, e noventa.—(Ass.) *Anna Augusta Placido, Viscondessa de Correia Botelho; Nuno Castello Branco, Visconde de S. Miguel de Seide; Francisco Correia de Carvalho e Antonio Vaz Vieira de Napoles.*

(Segue-se o reconhecimento das assignaturas por João Bernardo Correia do Amaral, em 10 de junho de 1890).

Acceitação da doação anterior, averbada por Freitas Fortuna naquelle documento:

Eu, João Antonio de Freitas Fortuna, abaixo assignado, casado e residente na rua

de Cedofeita, n.º 986 da cidade do Porto, cumprindo o disposto no art. 1466 do Código Civil portuguez, averbo neste documento a acceitação do cadaver do meu preso amigo o sr. Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho) e que me foi doado e entregue, e que eu aceitei com o encargo de o conservar perpetuamente na sepultura numero um do jazigo de minha familia, onde jaz, no cemiterio da Real Irmandade de N. Senhora da Lapa, e sob a condição de que nunca, e sob qualquer pretexto que seja, os descendentes de meu bom pai ou usufructuarios do indicado jazigo o tirem da referida sepultura ou consintam que o retirem, como se expoz no auto de doação supra que fez a Ex.^{ma} Sr.^a Viscondessa de Correia Botelho e Ex.^{mo} Sr. Visconde de S. Miguel de Seide, esposa e filho do meu falecido amigo. E por ser verdade o referido aqui, escrevo nesta doação a respectiva acceitação, que assigno perante o tabellião e as testemunhas, o sr. Domin-



ULTIMO RETRATO DE CAMILLO
FEITO NA «UNIÃO»

AS CINZAS DE CAMILLO.

gos Joaquim Machado, casado, negociante e morador na rua de Oliveira Monteiro e o sr. Albino Pinto dos Santos, solteiro, caixeiro e residente na rua Chã, ambos n'esta cidade do Porto.

Porto, 16 de junho de 1890 e noventa.
(Ass.) *J. A. de Freitas Fortuna, Domingos Joaquim Machado e Albino Pinto dos Santos* (1).

(Reconhecimento feito pelo tabellião Edmundo Maia Campos Silva).

Eis os documentos. Vejamos, em seguida, o mais dos imaginaveis ar-

(1) Esta doação, com o respectivo averbamento de acquiescencia ás suas clausulas por parte do donatario, hoje na posse da viuva de Freitas Fortuna, — a Sr.^a D. Isabel Maria da Conceição Ribeiro da Silva Santos (a quem tambem pertence o jazigo da Lapa, onde estão os restos de Camillo) — foi pela

gumentos a oppor-lhes, por concluir, de vez, pelo seu nenhum valor.

Em primeiro logar, tem-se affirmado que ao Estado pertence escolher a forma e o logar destinados a melhor consagrar os mortos.

O que vale dizer que os restos dum homem illustre são para o Estado, como para os que assim pensam, menos do que os da gente humilde que, alem daquelle, tem por si o direito de escolher o logar do seu definitivo repouso.

Ora eu não sei até que ponto se

primeira vez presente a publico, pelo jornal a *Republica*, de 29 de setembro de 1916.

Por este novo documento, de par dos restantes que apresentamos, se confirma a razão que nos assistia, quando, mezes antes, acudimos pelas cinzas de Camillo, publicando o principal documento, agora juntamente com aquelle reimpresso, na *Republica*.

tem avançado em materia de regalias publicas, a ponto de chegarmos, pelo *contrôle* do Estado — a possuir tudo, caminhando da liberdade do homem á escravidão dos seus restos!

O que se conclue é que a doutrina corrente é, mais ou menos, a seguinte: — ha um Pantheon, e é preciso colleccionar ali todos os notaveis, ainda que, como no caso de Camillo, elle tenha repugnado aos escolhidos.

Dest'arte, se volve afinal o Pantheon num forçado museu de ossos, por não dizer num extravagante collegio de memorias, para onde os mais notaveis esqueletos terão fatalmente de ser conduzidos, e, se preciso for, expropriados, em razão da propria utilidade da sua gloria!

Ainda mais: — para os que de tal maneira pensam, os grandes homens não ficariam devidamente venerados fóra do recinto que o Estado lhes confere!

Nisto, a nosso ver, o erro.

É uma scisma quasi grosseira, embora vulgar, suppor que os outros têm valor sómente quando lho concedamos, ou, melhor, quando, ostensivamente, lho memoremos!

Quando, pelo contrario, o seu valor está unicamente com elles e com a sua obra, para alem de todas as honras e premios officiaes que se lhes decreta.

E, assim, quem curará amanhã de saber, por aferir do valor de Camillo, se elle pertenceu ou não ás Academias da sua terra?

De igual arte, tambem os seus ossos não crescem pelo facto de de lhos semearmos nos Jeronymos, ou no casarão de Santa Engracia, embora natural fosse que para qualquer dos dois monumentos a Nação os conduzisse, se, melhor e mais correctamente, lhe não pertencesse zelar a sua derradeira vontade.

Mais. Entre nós, nem sequer ha ainda senão uma indicação de Pantheon. Os Jeronymos são abrigo casual dos grandes, poucos, que ali repousam. De resto o futuro Pantheon de Portugal será o sempre novo e já lendario templo de Santa Engracia!

Porque foi para ahi que a primeira assembléa do regimen mandou que a Nação os fizesse conduzir, de

par de outros que o tempo fosse glorificando (1).

O Pantheon de S. Vicente, privilegio da Casa de Bragança, está cheio a tal ponto, que do exame das suas arcas, a esmo ahi postas, mais dá ao visitante a idéa dum casual deposito de mortos desarrumados, do que dum templo de sua sagração.

(1) A tal proposito insere o *Diario de Noticias* de 8 de março do corrente anno, a seguinte noticia:

« PANTHEON NACIONAL »

« O snr., ministro da guerra vae dar as ordens necessarias para se concluirem, com a maior brevidade, as obras no edificio do antigo deposito de fardamentos, para ser para ali transferida a officina de manufactura de calçado que foi provisoriamente instalada no edificio de Santa Engrancia, que por lei foi destinado a Pantheon Nacional.

« É de crer que dentro de tres mezes o snr. architecto Adães Bermudes possa proseguir nos tra-

Sob a nave, cheia de sombras do intimo podreiro, entre velludos, mais um montão de corôas e galões velhos, descansam os reis assassina- dos, cujas figuras começam de des- apparecer na nevoa que lhes tolda o crystal dos caixões, cerrando-os, providencialmente, ao espectaculo da sua decomposição em publico.

balhos de adaptação daquelle grandioso edificio ao fim que por lei lhe foi destinado. »

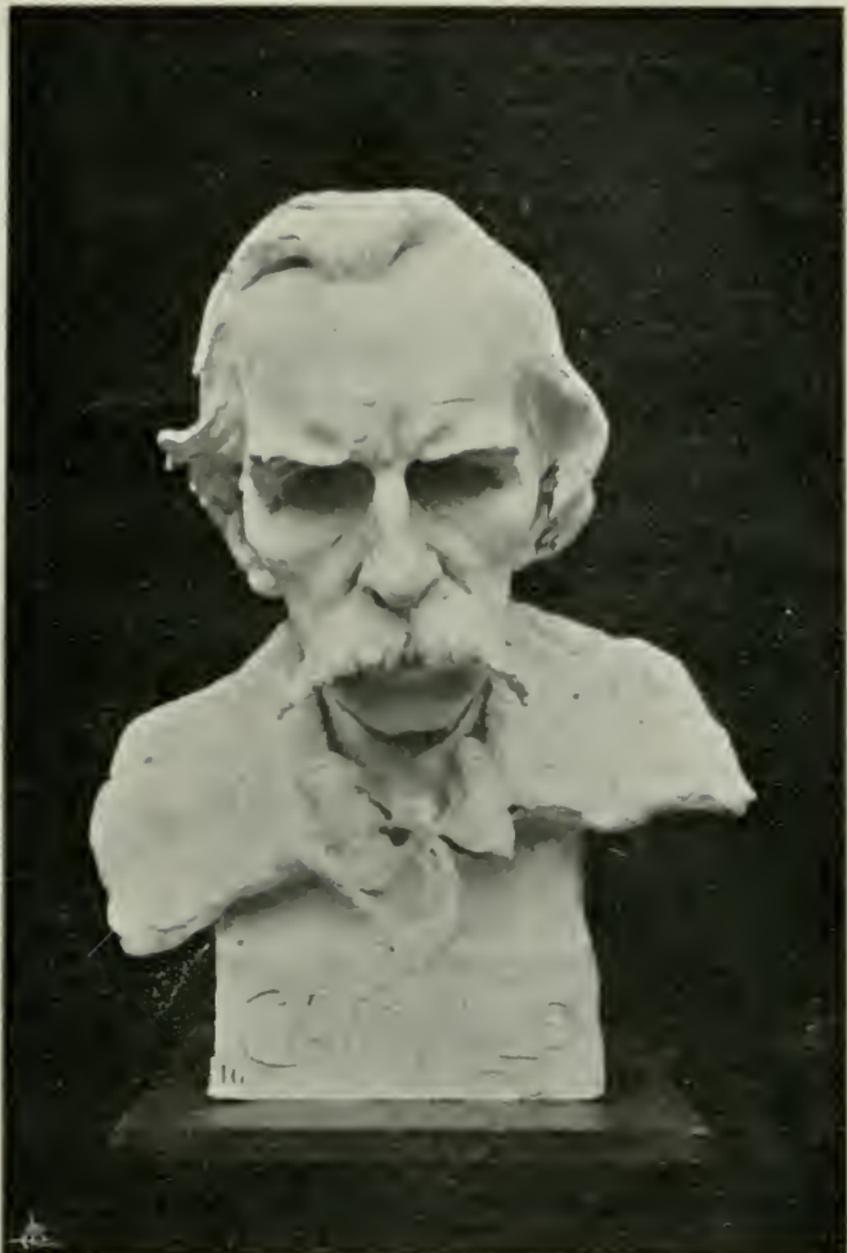
Donde se prova que successivos governos, depois de decretado o afeiçoamento do edificio de Santa Engracia a Pantheon Nacional, para ali ordenaram que fosse installada uma industria de calçado, embora, em seu dizer, provisoriamente, porventura até que a multidão de immortaes que se lhe destina, deixe de precisar da installação!

O que não consta, contra as previsões do *Diario de Noticias*, e letra do decreto, é que o snr. Adães Bermudes tenha proseguido nos tão esperados « trabalhos de adaptação do grandioso edificio ao fim que, por lei, lhe foi destinado... »

Tem um ar de pateo lugubre a estranha galeria, cujos silencios são para o espectador como que compassos do grande carnaval historico a seguir, e que as duas sombras-phantasmas dos ultimos reis parecem ainda reflectir do gesso mysterioso das suas torturadas mascaras emblematicas.

A um canto repousa D. Pedro II, tão impresso da sua urna que esta se lhe ajusta como um caixilho, donde, distante e bolorenta, surge, agora, serena, a sua face larga, formando o todo como que uma reproducção daguerreotypica dos seus derradeiros e infelizes annos de exilado!

Ali espera, desde muito, a guia de marcha para o Brazil, onde, de facto, sempre lhe quedou a alma.



BUSTO DE CAMILLO

Por Diogo de Macedo.

AS CINZAS DE CAMILLO.

De resto, mais nada ha que sirva a marcar verdadeira piedade, ou grandeza; tudo ahi inculca o entruído lugubre das ultimas cerimoniaes e honras officiaes, hoje tambem, no geral, negadas ou podres, como o mais das flores e presentes funerarios que, ao acaso, ahi restam.

Afinal um lixo caro, tudo o que para ali juntaram á volta das urnas do mesquinho Pantheon real!

E, entretanto,—ver-se-há mais tarde, e á razão duma melhor verdade —ahi velam algumas das maiores memorias que Portugal tem tido, mau grado a herança que as assombra.

Effectivamente, ha entre nós alguns monumentos funerarios de in-

discutível valor, mas esses não estão em S. Vicente.

Estão em Santa Cruz de Coimbra, nos Jeronymos, em Alcobaça, na Batalha,—enfim espalhados por toda a parte onde uma disposição de ultima vontade, senão a propria devoção dos povos, os fez erigir, nunca pela idéa dum publico dormitorio de mortos, adrede obrigado a officiosas memorias.

É ver o que se passou com Garrett que, apesar de ter acautelado o seu natural e carinhoso desejo de repousar no cemiterio de S. João, ao lado de seus filhos, foi primeiramente sepultado nos *Prazeres* e, depois, dahi, transferido para Belem!

O que significa, a nosso ver,

nunca um precedente a seguir, mas, pelo contrario, uma lamentavel indelicadeza da parte da Nação que para ali o trasladou, sem que ao menos reflectisse na maneira por que seria não só justo, mas até naturalissimo fazello!

Porque, no presente caso, era bem facil conciliar o desejo dos admiradores do dramaturgo com a vontade por elle expressa.

Bastava ver do seu intento, no documento a que alludimos e donde resulta, bem patente, a unica razão daquelle seu desejo.

De facto, o que se vê da carta de Garrett a D. Jeronyma Deville, publicada por Francisco Gomes de Amorim, e em que se exprime a indicação do seu jazigo no cemiterio de

S. João—é sobretudo o proposito, ali bem declarado, de repousar junto de seus filhos.

Ora, se a Nação tinha de sua vontade transferi-lo para os Jeronymos—de seu dever tinha tambem faze-lo acompanhar dos restos daquelles; e, desta forma, o seu preito seria, bem de certo, maior; e, alem de tudo, não revestiria a indelicadeza que assim foi.

Mais: visto que são necessarios exemplos, sirva-nos ainda, de norma o que de justo se tem resolvido, lá fóra, em casos semelhantes, e sobretudo em França, que de seu brio tem quasi sempre casar ao proposito do seu agradecimento publico para com os grandes vultos nacionaes a maior attenção, e, mais ain-

da, o maior melindre de delicadeza para com os seus designios, quando não com os seus caprichos.

Por uma razão equivalente áquella que consta da carta de Garrett está no Pantheon madame Zola, junto de Zola; e madame Berthelot, junto de Berthelot, mortos no mesmo dia.

Isto, sim; é simples e é delicado. E, comtudo, não consta que por tal motivo tenha havido desavença entre os grandes ali memorados.

Pelo contrario, Balzac, talvez por negligencia, senão por odio da mesma burguezia que tão desapiedadamente elle escarpellou,—está na Père-Lachaise!

E, no entanto, quem o julga menor por isso?

Onde quer que seja, dalgum modo

continuará a rir; e, se nesse mundo que fica para além do que elle foi, ha lugar para reflexões á sua Obra, o mais que lhe acudirá é, decerto, a sua mesma approvação plena por tudo quanto escreveu, ou seja a consciencia do acerto com que traçou o perfil moral dos que, de momento, lhe são obstaculo á porta do Pantheon!

E dahi, quem sabe? Talvez que ainda um motivo de valor explique a sua estada no Père-Lachaise, que, effectivamente, para o caso, não significa menos que o templo de Santa Genoveva!

Porque, repetimos, é inferior afeirir da grandeza dum artista, pela estima do lugar onde elle repousa.

Em França, ha casos de escre-

pulo, no genero, por vezes, extraordinarios! Assim, em 1885, foi profanada a Egreja de Santa Genoveva, unicamente para que nella entrasse Victor Hugo! (1).

E, contrariamente, por motivo da confissão catolica de Pasteur, não foi este para aquelle templo, mas para o seu proprio Instituto, onde jaz guardado em capella propria.

Ahi está a maneira correcta de proceder para com um dos maiores da raça latina, e a quem, a França dispensou da *prova* do Pantheon!

Tambem, quando da morte de John Ruskin, um dos grandes artis-

(1) Em 1830 foi transformada a Egreja de Santa Genoveva em Pantheon Nacional. Depois, em 1851, voltou a ser egreja, até que, com a entrada de Hugo, foi, de novo secularizada.

tas inglezes do seculo XIX, estylista tão singularmente notavel, como um dos mais eloquentes escriptores da Natureza, a Inglaterra offereceu a sua familia o logar que, para elle, a Nação tinha reservado em Westminster. Pois a familia, recusando um tal offerecimento, bem decerto em attenção á ultima vontade do Artista, preferiu sepulta-lo na aldeia de Coniston, perto da escola das creanças do povoado, para quem tambem elle, no dizer de Robert de la Sizeranne, havia composto os seus canticos.

«A sua morte, informa este publicista, que teve logar a 20 de janeiro de 1900, entre os rochedos e os bosques de Brantwood, á beira dum dos mais bellos lagos da Inglaterra,



PROJECTO DE MONUMENTO A CAMILLO

Por Teixeira Lopes.

AS CINZAS DE CAMILLO.

foi o fim proprio da sua vida: em perfeita simplicidade e em discreta belleza. Elle não teve junto de si mais do que dois ou tres de seus discipulos e alguns camponezes. O offercimento de um tumulo em Westminster, a maior honra que a nação ingleza pode tributar a um seu filho, foi recusada por sua familia; e, na celebre Abbadia real, coisa alguma recorda Ruskin, a não ser o seu medalhão, em bronze, collocado no *Pantheon dos Poetas*, ao lado do busto de Walter Scott.»

Finalmente, acaso Shakespeare, está em Westminster?

Não está; ahi figura elle, simplesmente, em monumento, cercado dou-

tros marmores, porventura espalhados á sua roda, como que a marcar-lhe o Tempo.

Elle? quem sabe! talvez, unicamente, a sombra falsa do seu nome, mais o resto da sua lenda (1).

(1) Effectivamente, não é facil averiguar, com precisão, o mais da trajectoria da vida de Shakespeare, e, sobretudo, os episodios finaes da sua morte e inhumação,—ainda pelo estudo dos quatro mil volumes que, a seu respeito, a curiosidade dos eruditos de todas as nacionalidades accumulou.

« Tentar falar ou escrever ácerca de Shakespeare, diz Lewis Theobald, é entrar num espaçoso e magnifico edificio, por um corredor estreito e tenebroso ».

O que mais d'elle seapura é que colheu obscuramente a sua obra da mesma razão anonyma que o prendeu á Terra.

Como, de igual arte, é assente que o homem mais querido e admirado que ainda houve, foi tambem, até ha pouco, um dos mais maltratados:—O

Presumivelmente jaz em Stratford, no côro de uma velha Igreja gothica, perto de um rio escuro, o

poeta maldito — eis a maneira por que J. Richepin' com a maior justeza, o indica! (1)

Pope, no prefacio definitivo da sexta edição do *in-folio* de 1623, considera-o um mero cortezão da plebe.

Voltaire chamou-lhe grosseiro e barbaro, «impossivel de se fazer ouvir pela mais desprezivel gente da França ou de Italia» — em derradeira analyse, um *selvagem bebado!*

O reconhecimento publico do genio do grande tragico iniciou-o o romantismo allemão, sobretudo pelos estudos de Lessing, Goethe, Schiller, Herder e Schlegel. Em França, apparece pela primeira vez bem tratado nos trabalhos de Staël e Chateaubriand.

Revelado o seu genio, começaram os criticos a hesitar sobre a idoneidade do Auctor.

A muitos pareceu, de momento, pouco confor-

(1) Vid. A TRAVERS SHAKESPEARE, conférences faites à l'Université des Annales.

Avon, e, como que, ao acaso, guardado pela esguia escolta das suas arvores.

me com tão prodigiosa obra, o mais intimo da sua historia.

Sigamos nós, comtudo, este fio biographico,—tambem o mais geralmente acceito como verdadeiro.

Shakespeare nasceu em Stratford-on-Avon, em 1564, e era filho de um negociante de lans, homem de medianos recursos e grande familia.

Estudou primeiras lettras numa escola publica (*Grammar School*, escola secundaria) da terra da sua naturalidade, onde casou, aos dezoito annos, com Anna Hathaway, de quem teve três filhos.

Foi depois para Londres, onde, successivamente, parece ter sido moço de theatro, ponto, comediante, e mais tarde empresario, liquidando, finalmente, em burguez, na sua terra, onde morreu em 1616, no dia em que completou 52 annos.

Eis a mais vulgar das suas biographias.

Ha outras mais complicadas, e, comtudo, accites por alguns dos devotos do mytho shakespeariano.

Segundo uns, o verdadeiro Shakespeare, teria sido lord Rutland; como, para outros, elle foi lord

Indica-o ao viajante, mais do que o monumento, ultimamente ali levantado, uma pedra que mal sobre-

Southampton, tambem havido, no consenso do maior numero, como aquelle a quem o Poeta deveu a apresentação que o introduziu na complicada e brutal côrte de Elisabeth.

Ainda, segundo alguns, elle foi lord Pembroke; como, finalmente, para o maior numero dos que teimaram em lhe dar uma proveniencia notavel, o proprio chancellor Francisco Bacon!

É de menos interesse e improprio ás medidas duma nota a reproducção dos argumentos em que se firmam as differentes hypotheses; assentemos, porém, em que nenhuma dellas vae alem de conjectura.

O auctor do *Lord Rutland est Shakespeare*, M. Célestin Demblon, conclue as mais extraordinarias observações ácerca do falso Shakespeare.

Assim, segundo este auctor, elle começou por seduzir a noiva, a quem só desposou, ameaçado de morte pela familia della, e a quem empobreceu, gastando-lhe o dote; depois foi vagabundo e engajador de soldados; fôra salteador de estrada; e, mais tarde,

sai da parede, com uma quadra-aviso, que geralmente lhe é attribuida.

protegido por lord Rutland e Southamption, chefe de cavalharia, contra regra do theatro, etc.

De resto, affirma ainda, elle não sabia sequer assignar o seu nome, que emprestára a Rutland, e este fazia escrever no final das peças, e que, por punhos diversos, apparece tambem differentemente orthographado (Shaxpere, Shagsbere, etc.).

Quer dizer, o ordinario e baixo *Shagsbere* é nem mais, nem menos do que um personagem dos dramas de Rutland — o seu Falstaff, cynico e crapuloso, bebado e usurario, de quem o lord usava o nome por firmar as peças, que considerava abaixo da sua notoria prosapia!

Ah! com que oportunidade, lidos estes phantasticos passos do genial «poeta maldito», nos veem á memoria as palavras que, da sua alma, elle passou para a bocca de Macbeth:

«A vida! mas se a vida não é mais do que uma historia, contada por um tolo furioso e que não significa coisa alguma . . . »

*

Emfim, sahimos a custo dos multiplices enredos

É uma quadra curiosa, que vale a pena ler e, por desventura, esqueceu lavrar na sepultura de Ca-

da sua vida, pela unica porta aberta ao mais dos criticos — a da sua Arte, instruida da sua primeira tradição, tambem a unica verosimil.

Quanto ás extravagancias possiveis e até provaveis, antes da ida definitiva para Stratford, — mais do que o conhecimento das suas fccionarias biographias, nos esclarece a historia da côrte de Elisabeth, com todo o seu enredo extranho. Jean Richepin, cujos estudos em parte resumimos, no desenvolvimento da presente nota, não só frisa a influencia daquella côrte, na obra do Poeta, como conclue, a proposito do seu character e Arte o seguinte:

—«A Arte e a moralidade estão sobre dois planos differentes, dois planos que se não confundem, em boa verdade. Que de tempos a tempos estejam de accordo, simulando juntar-se sobre um plano unico, — eis o que pode succeder e encantar-nos.

.

Mas se os dois planos se mantêm separados que fazer? Eu desejaria, de certo, que elle (Shakespeare) tivesse sido, ao mesmo tempo, um homem honesto, o

millo, onde, já agora, se torna necessario esculpir a clausula testamentaria do Romancista ácerca da sua sepultura.

Eis a quadra:

«Good friend, for Jesus'sake, forbear,
To dig the dust enclosed here.
Blessed be he that spares these stones,
And curst be he that moves my bones.»

grande artista, um bom pae, bom marido; mas, nem por isso, deixo de preferir que elle tenha sido o contrario de tudo aquillo e nos tenha dado uma bella obra.»

O que vale concluir pela necessidade de admitir Shakespeare, tal como nos surge á primeira luz, liquidando a sua aventura dramatica pelo regresso a Stratford, onde parece ter vivido os ultimos cinco annos, longe do theatro das suas maiores façanhas pessoaes, como dos seus dramas—porventura viciado e avaro, como no-lo pintam, distrahido no seu novo papel de rico, e, no entanto, sempre, de alguma forma, lembrado das suas antigas relações e vida de

«*E amaldiçoado seja o que revolver os meus ossos*!»! gritou Shakespeare, ou a tradição por si.

E tal defeza bastou a que jámais se destampasse o mysterioso jazigo!

Emfim, pois que eram precisos exemplos, ahi ficam os maiores, a

scena, como é positivo e se vê ainda do proprio testamento, em que contemplou dois camaradas.

Assim chegamos, naturalmente, e ainda guiado pela lenda, até á morte do Poeta, na sua terra de origem, afinal tambem a mesma onde, porventura, a seu desejo, foi inhumado e, de direito, é que descanse.

Isto, mau grado as lamentações de Irving, quando, ao visitar o seu tumulo, entre os velhos monumentos da nobreza, que o rodeiam, notava, com mágoa, o seu desenho mais do que modesto!

(Confrontem-se J. Richepin, ob. cit.; Oeuvres dramatiques de William Shakespeare, traduction par Georges Duval; W. Irving; e Garrick.).

que poderíamos juntar outros, da regeição de Pantheons — sem que os paizes a que aquelles notaveis pertenceram, descessem, algum dia, a obrigar as suas memorias a um pariato de cinzas que, por clausula testamentaria, ou circumstancias casuaes, podesse tomar-se como violencia.

E, entretanto, jámais a França ou a Inglaterra renegaram do culto quasi fanatico em que têm os seus *immortaes*; e, sobretudo, aquelles que por si bastariam a affirmar, mais do que o prestigio dos seus paizes — o valor das respectivas raças.

Derivando daquelles casos, ou antes apprendendo da attitude de

taes nacionalidades,—se assim é preciso!—ahi temos, naturalmente, indicado o que ao Estado, ou melhor ao povo portuguez,—pertence resolver, ácerca de Camillo, e sempre de accordo com a sua memoria.

Levante o Povo portuguez, (ponhamos sempre de parte, em questão de preito a artistas, os *representativos!*)—uma estatua a marcar, de direito, nos Jeronymos, o logar que, de facto, elle não quiz occupar, á maneira do que se fez em Westminster para o grande tragico de Stratford, e deixemos que os seus restos descansem na Lapa!

Tambem nós, repetimos, emquanto nos foi desconhecido o mais da documentação acima expressa, pugnámos pelo seu ingresso nos Jeronymos.

Como de igual arte,—lembrando a pagina, por certo, mais dolorosa da vida litteraria de Camillo — uma das que abrem a *Correspondencia epistolar* entre o Romancista e Vieira de Castro, e onde aquelle allude a D. Anna Placido, contrahindo para com ella, publicamente, o voto das suas inhumações em commum jazigo—eu me recordára de quanto seria natural e proprio á memoria das suas conjunctas tragedias a approximação da que lhe fôra companheira e suave cumplice!

Esta pagina é a mesma em que responde a Vieira de Castro, quando este, numa explosão de amizade, lhe denunciou o que os seus inimigos, ao tempo, propalavam para melhor o ferirem.

Formára-se uma atmosphera de malquerença contra Camillo, e, como sempre em taes casos, a má vontade dos seus inimigos deu-se a jogar com um abjecto romance, adrede disposto a pôr de seu lado a chamada moral burgueza—ou seja o estalão mais infame que ainda se inventou para avaliar sensibilidades!

Então, a tal proposito lhe contou Vieira de Castro o que, a seu respeito, se espalhara pelas praças, e, por sua vez, elle reproduz da maneira seguinte:

—«Que eu, confidente e depositario das cartas que uma senhora casada escrevera a um homem ausente, ameaçára essa senhora de revelar ao marido a culpa indicada nas cartas, se ella continuasse a repellir-

me; e que a senhora ameaçada, aceitando metade da minha infamia transigira com a proposta».

Ora a tal ensejo escreveu Camillo aquella pagina, que, já agora, reproduziremos, na parte final, aliás menos como seu desaggravo— por desnecessario, do que por ver o que, ao tempo, pensava do natural destino das suas cinzas:

«Meus amigos e meus inimigos! se, por violencias de uma paixão brutal, exacerbada pela en.briaguez, eu resvalasse á infamia de forçar a resistencia da derradeira mulher na escala das perdidas—Deus sabe quem são as perdidas!—; ao despertar desse infernal aturdimento com a

consciencia do meu crime, matar-me-hia com asco de mim proprio.

No regaço dessa senhora, tão cruelmente aviltada, tenho dous filhos. É para meus filhos que eu escrevo esta pagina que me pareceu até hoje impossivel.

Receio que elles ainda tenham de ver a serpente da calumnia a rojar-se na sepultura de seu pae. Sinto-me no cabo da vida; e tenho maior pejo da posteridade que dos meus contemporaneos. Quero que estas crianças saibam deste livro que o pregão affrontoso aos calumniadores foi escripto quando ainda viviam as pessoas que podiam desmentir-m'ó.

No punhado de minhas cinzas hão de estar as de sua mãe—esta levantada alma que ainda não verteu uma

lagrima na voragem que lhe devorou os respeitos do mundo, e a perfida riqueza com que seus perdoaveis paes a violentaram sem dó de sua innocencia e formosura dos dezoito annos ».

No punhado de minhas cinzas hão de estar as de sua mãe!

Ahi está o que me seduzia a pugnar pela approximação das duas urnas.

Afinal, parece que a mesma fatalidade que os reuniu, os dispersou!

Nas cartas finaes de Camillo a Freitas Fortuna, ácerca das suas cinzas, ha uma allusão unica a D. Anna Placido.

E, ainda na sua declaração de 22 de novembro de 1886, prevenindo o



O JAZIGO DE CAMILLO NA LAPA

AS CINZAS DE CAMILLO.

suicidio, a recorda, pensando afflictivamente no mau acaso de que ella o antecipe na morte!

.....

«A mãe destes dois desgraçados, escreve elle, não promette longa vida; e, se eu pudesse arrastar a minha existencia até ver Anna Placido morta infallivelmente me suicidaria. Não deixarei cahir sobre mim essa enorme desventura, a maior, a incomprehensivel á minha grande comprehensão de Desgraça.» (1)

Assentemos, pois, para lá de todo o raciocinio, e perto, unicâmente, da vontade de Camillo, no que a seu respeito, e a proposito do destino dos seus restos, elle, deliberadamen-

(1) Vid. *Camillo Inédito* annotado.

te, dispoz, e importa que, em bem da sua memoria, nós todos acatemos.

Eu creio que dos documentos transcriptos resulta bem expressa a violencia da trasladação!

A sua extraordinaria figura está acima do fetichismo publico que, por capricho, intentasse a macabra canseira de lhe remexer ou espreitar a ossada.

Alem de que aos poderes publicos impende guarda-la. Isto sim, é de seu cargo!

E se, effectivamente, á consciencia nacional, — para lá do susto romantico do enrêdo dos seus livros e do odio herdado da geração anterior contra elle, já chegou o culto devido pelo sacrificio dos quarenta annos da sua escravidão litteraria, aliás nelle

tão extranhamente batida de desgraça, — não se exasperem os seus devotos que não têm pouco em que empregar a admiração, por exprimirem todo o reconhecimento que lhe devem!

Assim, por exemplo, não falando já nos monumentos a erigir-lhe — que esforço não lhes será necessario para apartarem das escolas esses manuaes de mentira que por lá correm — e substitui-los por livros de excerptos seus, para que delles resulte no coração dos futuros homens o documento vivo da sua grande alma!

Esta seria, de facto, a primeira, a grande tarefa.

Mas não vale a pena forçar o Tempo. Demais que o Tempo chega sempre na altura devida!

Nós, é que ás vezes, por nos darmos a impressão de que tambem governamos fóra delle, pretendemos deslocar a sua justiça. Afinal, erro de humanos; mais nada!

Emfim, Camillo poude sempre dizer como Liszt: — tenho tempo, esperarei...

Que importa, pois, que sejamos nós ou outros os que definitivamente o sagremos?

O que importa é termos a certeza de que a sua memoria venceu ha muito. De resto, tambem o facto da sua capella, na Lapa, ser modesta, nada representa. Deixemos os grandes mausoleos para os *seus brasileiros*; estes sim, precisam delles.

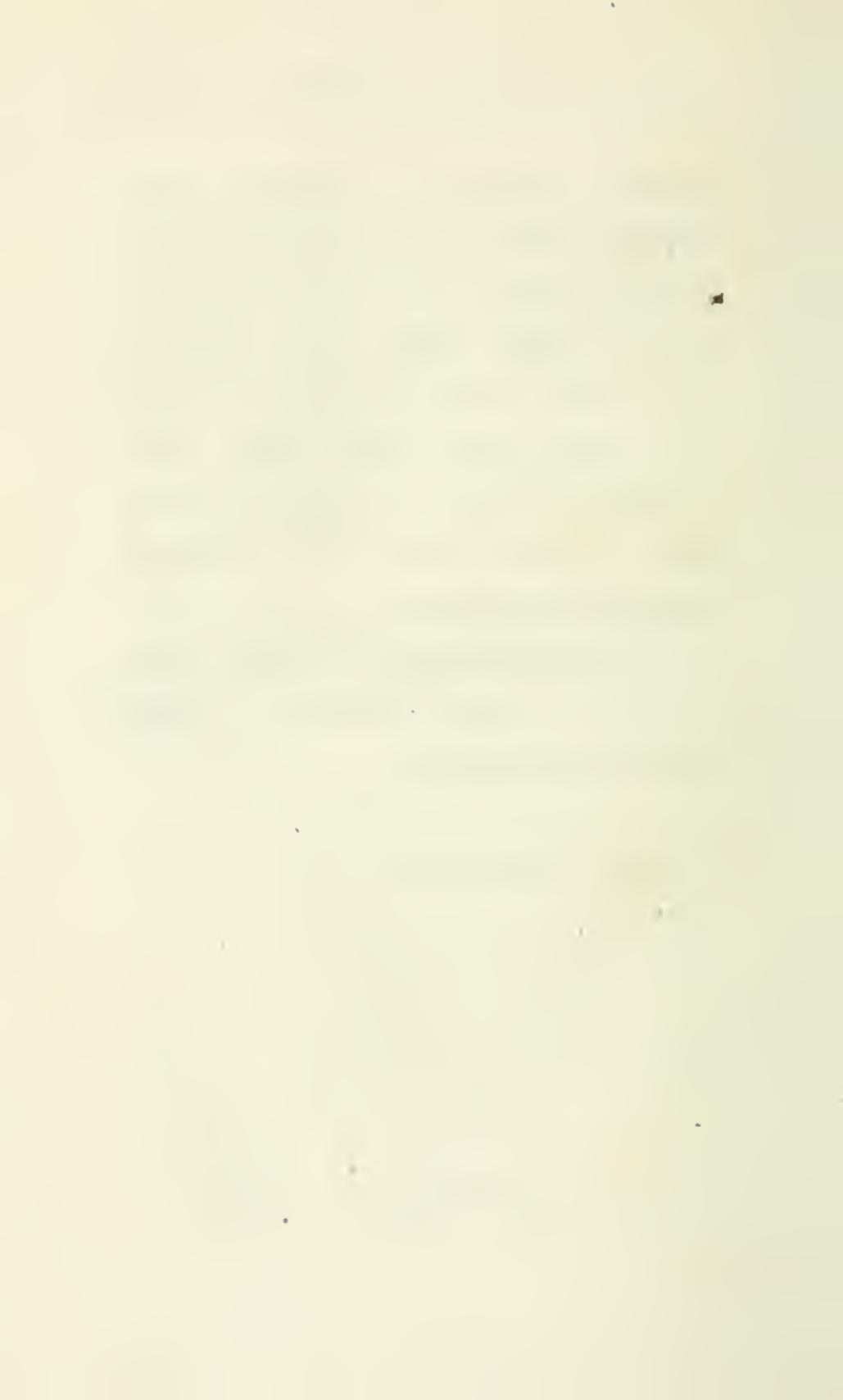
Camillo não, pois que é já tão

grande,—embora o vejamos ainda crescer, dia a dia, na consciencia publica, que elle, mais a sua memoria surgem bem dali, como da mais exigua brochura da sua obra.

É que é de seu privilegio, como, em geral, de todos os grandes artistas, a mesma ubiquidade milagrosa dos grandes santos.

Tanto maiores são, melhor cabem em toda a parte—ainda nos mais humildes templos...

Ancêde, 1 de outubro de 1917.



INDICE DAS ILLUSTRAÇÕES

	Pag.
Retrato de Camillo por Antonio Carneiro. . .	9
Retrato de D. Anna Augusta Placido	17
Ultimo retrato de Camillo feito na « União » . .	33
Busto de Camillo por Diogo de Macedo . . .	41
Projecto de monumento a Camillo por Teixeira Lopes	49
O Jazigo de Camillo na Lapa	65

*DESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA TIRAGEM
ESPECIAL DE QUATRO EXEMPLARES
EM PAPEL WHATMAN, NUMERADOS E
RUBRICADOS PELO AUCTOR.*

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE OPUSCULO AOS DOZE
DIAS DO MEZ DE NOVEM-
BRO DE MIL NOVECENTOS
E DEZESETE, NA TYPOGRA-
PHIA DA «RENASCENÇA
PORTUGUESA», SITA Á RUA
DOS MARTYRES DA LIBER-
DADE NA CIDADE DO PORTO.

NO PRELO:

Camillo Inédito anotado, 2.º milhar.

Fanny Owen e Camillo, 2.^a edição.

